

O **PROPOSITO** do presente artigo não é a discussão do messianismo de um ponto de vista teológico, histórico ou mitologicamente interpretativo. Não procurarei seguir o desenvolvimento do conceito messiânico a partir das suas origens mágicas, (o unguido pelo unguento da "medicina"), até as alturas sublimes do salvador, (embora o termo português "salvador" esteja ainda relacionado com o termo alemão "Salbe"). Não me aprofundarei nos unguidos egípcios, nem no deus Assur, nem nos diversos conceitos bíblicos como "o justo", "o acolhido", "o filho de Davi" ou "o filho do Homem". O meu propósito é outro. Tentarei defender a tese que a nossa situação atual pode ser interpretada, de um determinado ponto de vista, como a época imediatamente anterior à vinda do Messias.

Uma das diferenças mais óbvias entre Judaísmo e Cristianismo está na fé no Messias. Para os judeus a vinda do Messias é um acontecimento futuro, para os cristãos um acontecimento histórico passado. Sugiro que se trata talvez de uma diferença na interpretação do termo "Messias". O Verbo tornado homem que sofreu a morte humilhante na cruz para redimir os pecados talvez não se enquadre na interpretação judaica do termo "Messias". O Cordeiro de Deus que carrega os pecados do mundo talvez seja demasiadamente grego, (hônico), para poder ser assimilado pelo pensamento judeu. Mas há, também no Cristianismo, a fé na parusia, na segunda vinda do Messias. Nessa segunda vinda Ele se revelará também como Messias no significado estritamente judeu do termo. Estabelecerá o reino de Deus na terra. A tese do presente artigo é que essa vinda, (seja primeira, seja segunda), pode ser considerada, sob certo ângulo, como sendo iminente. Uma interpretação da nossa situação poderá revelar sintomas que anunciam essa vinda. Sei que o que estou dizendo poderá ser considerado blasfêmico tanto por cristãos quanto por judeus. Quero afirmar, portanto, que o argumento seguinte, por heterodoxo que seja, é inspirado por profunda deferência ante as religiões que informam a nossa cultura.

A nossa situação tem a marca da ciência aplicada. Estamos cercados por instrumentos. Levantamos, de manhã, ao som da encerradeira, máquinas a motor de explosão transportam para os nossos lugares de trabalho, máquinas operatrizes, de escrever e telefones marcam o ritmo das nossas atividades, alimentos enlatados e corinçados eletricamente sustentam as nossas energias físicas, papéis impressos por rotativas e fitas de celulose projetadas sobre panos sustentam as nossas energias intelectuais e sentimentais, e o nosso último gesto, antes de ir dormir, é desligar a televisão ou o tocadio. A natureza está retrocedendo e aparece, em momentos fugazes e periódicos, chamados "clube esportivo", ou "fim de semana", de forma inteiramente domesticada. A ciência aplicada está eliminando rapidamente a natureza como ambiente do homem. O espírito humano, disciplinado pelas regras da ciência, transforma rapidamente natureza em parque industrial ou parque de recreio. Dentro em breve uma correnteza ininterrupta de produtos de consumo cerrará as suas dádivas automáticas sobre uma humanidade apovada. Nada mais restará a fazer a não ser contemplar o funcionamento perfeito e planejado dos aparelhos. O espírito humano terá sido "objetivado", para falarmos com Hegel. Ou, para falarmos com os profetas, eis o reino de Deus sobre a Terra. Estamos nos aproximando da plenitude dos tempos.

O saber escatológico da nossa situação, a proximidade da era messiânica, faz com que nos tornemos críticos dos "iemai hamachiakh". A verdade que muitos ainda ali

27  
mentam o entusiasmo pelos êxitos salvadores da ciência aplicada. São os chamados "Pseudo-Profetas". Estes estão ainda enquadrados na tradição judeo-cristã do messiânico. Mas alastra-se também uma sensação de desencanto. Chamarei essa tendência de "anti-messianismo". A era messiânica, o paraíso na terra, apresenta-se a essa tendência como insuportavelmente tediosa. Nos países "desenvolvidos" assume a forma de uma fuga consciente ou semi-consciente para as religiões do Oriente alheias ao messianismo. Tenho em mente os "dharma bums", os "teddyboys", os "Halbstarke", os existencialistas da "rive gauche", mas também os playboys da rua Augusta. Este fenômeno não foi previsto pela tradição profética e pelo Apocalipse. Talvez se enquadre no conceito de "anticristo"? Urge portanto, para uma tomada de consciência na nossa situação, uma análise dos sintomas anunciando a vinda do Messias.

Os instrumentos que nos cercam, que nos condicionam e que traçam os rumos das nossas vidas, são resultados de manipulações de coisas da natureza. O homem é um ser manipulador, isto é um ser que procura libertar-se da sua circunstância pela transformação dessa circunstância em objetos manipulados. O homem se lança contra a sua circunstância, apalpando, abarcando e modificando os seus elementos e sua estrutura. O resultado desse projeto do homem contra o seu mundo são os instrumentos. O conjunto dos instrumentos é chamado "cultura". O apalpar do mundo é chamado "apreensão do mundo". O abarcar dos elementos apalpados é chamado "conhecimento". A modificação dos elementos é chamada "arte". A cadeia progressiva de apreensões, conhecimentos e artes é chamada "história da humanidade". A tradição bíblica afirma que essa cadeia se iniciou pela expulsão do paraíso. A manipulação como realização da existência humana é um castigo imposto por Deus pelo pecado original cometido pelo primeiro homem. Mas a tradição bíblica é uma "petitio principii", porque o pecado original já é uma manipulação, portanto o seu próprio castigo. Ao comer do fruto da árvore proibida, o primeiro homem já se tinha empenhado em apreensão, conhecimento e arte, portanto na história no significado existencial do termo. O pecado original é portanto a própria definição da existência humana. A tradição bíblica afirma que a expulsão do paraíso é um projeto que demanda a meta do paraíso na terra. A história é um processo limitado e circular: inicia-se no paraíso e desemboca no paraíso. A circularidade da história é mascarada pela sua dimensão em relação com a dimensão da existência individual do homem. Dada a brevidade da vida humana, o segmento da história por ela vivenciado apresenta-se como sendo reto. A era messiânica encerra a história e representa a plenitude do tempo no sentido de reconduzir a história até a sua origem. Tendo definido a história como cadeia de apreensão, conhecimento e arte, podemos definir a era messiânica como a apreensão total, o conhecimento total, e a artificialização total da circunstância humana. Os instrumentos que nos cercam são coisas apreendidas, conhecidas e artificiais, e neste sentido sintomas da plenitude dos tempos. A transformação total da natureza em instrumentos será a vinda do Messias.

Mas essa nossa consideração torna óbvia a diferença existencial entre o paraíso original e o reino de Deus sobre a terra. O paraíso original é a natureza na qual o proto-homem está integrado. A expulsão do paraíso é a alienação do homem. O reino de Deus sobre a terra é o desaparecimento da natureza, e sua substituição pela cultura. Com efeito, o reino de Deus sobre a Terra é "civilizado", no sentido latino do termo. É uma "cidade". A era messiânica é a implantação da Cidade.

de Deus (de Santo Agostinho), sobre a terra. Na plenitude dos tempos o homem deixará COPIA um alienado da natureza, porque não haverá natureza. Passará a ser um cidadão bem integrado na Cidade de Deus, um "well integrated citizen" como dizem os sociólogos americanos. Isto modificará a sua forma de ser, e é a isto que os profetas aludem ao dizer "sereis mudados". No paraíso original o proto-homem era um animal bem integrado na natureza. No curso da história o homem é um ser que se projeta contra a natureza da qual está alienado. Na era messiânica o super-homem passará um cidadão bem integrado. Estas considerações exigem uma análise do conceito da liberdade.

No paraíso original não cabe o conceito da liberdade. Liberdade significa a possibilidade de escolha. Para poder escolher é preciso distinguir, e para poder distinguir é preciso superar a situação, isto é assumir uma posição alienada. O pecado original é a decisão existencial para a escolha. O fruto que Adão comeu era da árvore da distinção entre o Bem e o Mal, portanto da árvore da liberdade. Liberdade se confunde, com efeito, com o pecado. A história da humanidade, consequência do pecado original, é a afirmação progressiva da liberdade. A cultura, que é o produto acumulativo da história, é o testemunho do esforço libertador do homem. Na natureza o homem é condicionado, na cultura se liberta. Os instrumentos da cultura são monumentos da liberdade humana. Na era messiânica haverá uma transformação dos instrumentos. Estes passarão a condicionar o cidadão bem integrado. Com efeito, os instrumentos passarão a formar como que uma natureza de segundo grau, uma natureza artificial a condicionar o super-homem. Na era messiânica não caberá o conceito da liberdade. A União Soviética, (esse paraíso dos operários e camponeses), e os Estados Unidos, ("God's own country"), são os países mais desenvolvidos, no sentido de já constituírem quase Cidades de Deus.

A Igreja formula esta análise da liberdade em função do Messias de uma maneira um pouco diferente. Define a situação existencial no paraíso original como "peccare non posse", isto é como o potencial do pecado. O paraíso original não comporta a liberdade, porque ainda não realizou o pecado. A situação existencial da história a Igreja define como "non peccare non posse". A história comporta a liberdade, porque realiza pecados, e, com efeito, realiza apenas pecados. A situação existencial da Cidade de Deus, (da era messiânica), a Igreja define como "peccare non posse". A era messiânica não comporta a liberdade, porque todos os pecados já se realizaram e não há possibilidade para o pecado. Confesso que a minha interpretação da doutrina da Igreja é herética, e que me condena a excomunicação da Cidade de Deus. Mas se essa Cidade se pré-figura nas sociedades soviética e americana, essa excomunicação não me parece temível.

O castigo que Deus impôs a Adão era o do trabalho, ou, na minha terminologia, o da manipulação das coisas da natureza. Este castigo Deus mitiga nos Dez Mandamentos ao estabelecer o sábado como dia livre de trabalho. Mas as máquinas automáticas e as legislações sociais delas decorrentes são muito mais liberais que Deus. Reduziram o trabalho para 45 horas por semana. Os computadores e as máquinas automatizadas e auto-reprodutoras reduzirão ainda mais os períodos de castigo, até fazê-lo desaparecer de tudo. Eis que o reino de Deus sobre a terra se aproxima. As horas do lazer e do ócio, interrompidas apenas pelo consumo de produtos abundantes, esta será a vivência da plenitude dos tempos. Com efeito, nada acontecerá nessas horas, e é neste sentido que o tempo estará cumprido. Este sábado gigantesco, esse "weekend" monumental, esse Dia do Senhor transformado em "nunc etans",

O agora que parou, isto será o reino do Messias. É a vivência de um tédio infernal. Com efeito, o reino do Messias será um inferno. Os domingos em sociedades protestantes dão uma leve idéia da Cidade de Deus. Não haverá mais Erev Habat nem Nes Habat, porque o sábado será eterno. Não haverá, "horribile vi-ru", possibilidade alguma para pecar-se, porque as máquinas e os computadores se encarregarão automaticamente de todos os pecados possíveis. Não haverá liberdade, e a falta de liberdade é um tédio insuportável.

Os leitores dirão, talvez, que estou transformando o Messias em "science fiction" e que o meu reino de Deus sobre a terra é uma caricatura. Mas o que estou fazendo é apenas a tentativa de existencializar o Messias e libertar o reino de Deus da conversa fiada "pia". Os judeus ortodoxos esperam a vinda do Messias a todo instante, (ou pelo menos pretendem que o fazem). O que faço é procurar imaginar essa vinda, e receio que ela se realize. Tenho, infelizmente, muito mais fé no Messias que os ortodoxos. Muitas preces judias, (e protestantes) procuram provocar a vinda do Messias. Os computadores o fazem com eficiência muito mais poderosa. Creio que se estivermos empenhados na liberdade, (e dignidade) humana, não deveríamos participar dessas preces, nem dos religiosos, nem dos computadores. Devíamos, pelo contrário, procurar evitar que o "Mashiakh ben David nos apanhe de improviso. Está assumindo um significado imediato o brado dos profetas protestantes do fim do mundo: "Repent! Repent! The Kingdom of Heaven is at hand." Penitências, senão o Messias vem mesmo.

Vilém Klusser